

Tema: Dentro e Fora da Redenção

Sermão narrativo-expositivo sobre Daniel 5, pregado na Igreja Presbiteriana de São Cristóvão, em 26 de maio de 2024.

Texto a ser lido: Daniel 5:1-4, 22, 25-28, 30

Resumo do Capítulo:

I. A Impiedade de Belsazar

O capítulo narra a festa decadente e profana promovida por Belsazar, na qual ele manifesta sua iniquidade (versículos 1-4).

II. A Mensagem Misteriosa na Parede

No auge da festa, surge uma mensagem enigmática escrita na parede, que nenhum dos sábios do rei consegue decifrar (versículos 5-9).

III. A Interpretação de Daniel

O profeta Daniel é chamado para interpretar os caracteres misteriosos, revelando claramente a condenação do rei (versículos 10-28).

IV. O Cumprimento do Julgamento

A profecia se cumpre imediatamente com o assassinato de Belsazar e a conquista de seu reino (versículos 30-31).

I - Introdução (Referência Histórica Contemporânea ao Sermão)

Paul Bede Johnson, conhecido como Paul Johnson, foi um jornalista, historiador e escritor inglês. Inicialmente associado à esquerda política, tornou-se um historiador conservador de renome. Em sua obra *História dos Judeus*, ele se refere ao livro de Daniel da seguinte forma: "Dessas obras, a mais influente foi o Livro de Daniel, que remonta aos primeiros tempos asmoneus, recorrendo a exemplos históricos dos períodos assírio, babilônico e persa para se opor ao imperialismo pagão em geral e o domínio grego em particular, predizendo o fim do império e a emergência de um

reino de Deus, possivelmente sob um libertador heroico, um Filho do Homem. O livro vibra com xenofobia e convites ao martírio”¹.

Paul Johnson filia-se à alta crítica para questionar a canonicidade e a integridade do livro de Daniel. Para ele, o livro não é uma profecia, mas uma fraude. Na perspectiva materialista e racionalista, que exclui fenômenos sobrenaturais, o livro de Daniel teria sido escrito no século II a.C. com o propósito de incentivar os judeus a se rebelarem contra seus opressores. A alta crítica, devido à sua epistemologia iluminista², rejeita profecias, desconsiderando a evidência empírica registrada no gênero histórico-profético do texto.

A alta crítica repete os erros do Iluminismo em relação ao povo judeu: incapaz de incluí-lo numa perspectiva redentiva e ancorada no preconceito contra fatos inexplicáveis, mesmo evidentes, alinha-se ao espírito da época, contemporâneo ao pior antissemitismo dos séculos 19 e 20. Atribui aos judeus escritos conspiratórios, associando o livro de Daniel a uma espécie de *Protocolo dos Sábios de Sião* da antiguidade, criando o conceito pernicioso de “fraude piedosa”.

Em oposição à alta crítica, demonstraremos que o livro de Daniel é muito íntegro e que a rejeição da perspectiva redentiva reflete a condição humana descrita no próprio texto.

II - Contexto Histórico-Literário do Texto (O Sentido do Texto para seu Autor e Contemporâneos)

A linguagem do texto é anterior ao século II a.C., com possível datação nos séculos V ou IV a.C. Evidências de

Qumran e da Septuaginta mostram que o livro já circulava, completo, antes da época de Antíoco Epifânio, contra quem a alta crítica alega que foi escrito.

O consenso é que o hebraico utilizado no livro de Daniel assemelha-se ao de Crônicas, e seu aramaico (2:4b-7:28) está mais próximo do de Esdras e dos papiros do século V a.C. do que dos de Qumran³.

Os eventos narrados são confirmados por historiadores da antiguidade, como Josefo, Xenofonte, Beroso e Heródoto⁴. Achados arqueológicos de 1853 confirmam a existência de Belsazar, filho de Nabonido, que o consagrou a um deus em Ur⁵. Belsazar, príncipe regente e neto ou bisneto de Nabucodonosor (chamado "pai" por sua importância fundacional), foi morto na mesma noite da tomada da cidade, conforme inscrições da época e o texto bíblico.

Belsazar reinou sobre a Babilônia por três a dezessete anos, segundo diferentes fontes. Cerca de dois anos antes da queda da cidade, Ciro, rei da Pérsia, a atacou com um grande exército, conforme relata Heródoto: "Ciro desviou o Eufrates para um novo canal e, guiado por dois desertores, marchou pelo leito seco cidade adentro, enquanto os babilônios festejavam seus deuses"⁴.

Belsazar saiu ao encontro de Ciro, lutou contra ele e foi derrotado numa intensa batalha. Com seu exército destruído, retirou-se para a cidade, onde permaneceu sob o cerco de Ciro. Os babilônios sentiam-se seguros, pois o rio Eufrates servia como defesa natural, e dispunham de provisões para vinte anos. Contudo, no segundo ano do cerco, a cidade foi conquistada, conforme relatado (*Comentário Bíblico de Matthew Henry*, Vol. 4: Isaías a Malaquias, CPAD, Edição Kindle, p. 2729).

III - Contexto Histórico-Redentivo (O Sentido do Texto para a Igreja de Cristo)

No contexto da redenção, o texto aborda a rejeição da obra redentora de Cristo por um rei. No capítulo 4, a misericórdia de Deus é revelada a Nabucodonosor, que, após ser corrigido, reconhece Deus como Senhor, evidenciando sua conversão ao glorificá-Lo. No capítulo 5, porém, é narrada a condenação de Belsazar, sucessor de Nabucodonosor, que, plenamente ciente (verso 22) do poder e da obra do Deus de Israel, rejeitou-O.

Verso 22: A palavra "soubeste" (y^eda', em aramaico) indica um conhecimento pleno, não apenas intelectual, mas também afetivo e volitivo, que deveria gerar temor a Deus, mas foi rejeitado por Belsazar.

Verso 23: "Te levantaste contra o Senhor." Em vez de glorificar a Deus, Belsazar se rebelou contra Ele. Havia uma perseguição aos judeus, não apenas na Babilônia, mas em todo o mundo conhecido.

Os exilados de Jerusalém no Egito relatam um ataque contra seu templo em 407 a.C., no qual os utensílios sagrados, cópias dos do templo de Jerusalém, foram profanados por sacerdotes egípcios. As Cartas de Elefantina, hoje no Museu do Brooklyn, relatam esse fato. Esses judeus, sincréticos, buscaram ajuda de inimigos de Israel, como Sambalate, citado em Neemias. É possível que Belsazar, movido pelo desejo de contrapor a universalidade da Babilônia ao projeto redentivo que alcançou seu avô, tenha cometido tal afronta. De qualquer forma, é evidente que ele agiu com plena consciência de que desafiava a Deus.

O comportamento de Belsazar prefigura a blasfêmia contra o Espírito Santo no Antigo Testamento. Em Marcos 3:28-29, o

Espírito convenceu os escribas de que Jesus era o Messias, mas, apegados à sua própria proeminência, eles O rejeitaram. A condenação de Belsazar é semelhante à aplicada por Jesus aos escribas.

Verso 26: "Contou teu reino e o acabou." A ideia é de liquidar, como uma mercadoria retirada do estoque ou uma data encerrada. No aramaico, "acabou" também aponta para o fim do cativeiro dos judeus, indicando restauração.

Verso 27: "Pesado foste." Belsazar foi colocado na balança, com seus pecados de um lado e a longanimidade de Deus e Seu projeto redentivo do outro. Ao rejeitar o conhecimento da obra redentora, ainda que em imagem velada, apresentada a seu avô, a balança pendeu, e Belsazar foi achado em falta. Essa rejeição, semelhante à descrita em Mateus 12:31-32, resulta em um pecado que não é perdoado, nem nesta vida nem na outra. A obra redentora de Cristo é o que equilibra a balança a nosso favor.

Essa condenação é apresentada na perspectiva da eternidade, conforme Hebreus 10:26-27 e Daniel 12:2, indo além do contexto histórico-temporal.

IV – Aplicação

- a) Certos conhecimentos, mesmo os transmitidos por tradição, exigem uma resposta, se alinhados com a Bíblia. O testemunho do Espírito em nossas vidas deve provocar reações correspondentes, não sendo rejeitado.
- b) Submeter-se à redenção significa rejeitar a validação do mundo, como fizeram os judeus sincréticos de Elefantina ao buscar auxílio nos inimigos de Israel, mencionados em Neemias.
- c) A vocação do cristão insere-se no projeto redentivo, como

Daniel, que exerceu seu trabalho na corte sob uma perspectiva redentiva.

d) Deus observa os tiranos. Lutero afirma que este capítulo é: "um exemplo contra os tiranos. Aqui, o tirano obstinado e impenitente, seguro em sua maldade, é punido sem misericórdia, perdendo de uma só vez corpo, vida, país e povo. Isso foi escrito para advertir todos os tiranos" (*Obras Seleccionadas de Martinho Lutero*, 8:64).

Referências:

¹ *História dos Judeus*, 1995, Editora Imago, 2ª edição, p. 130.

² "Com base no pressuposto fundamental do Iluminismo sobre a racionalidade da realidade e a conseqüente capacidade humana de compreendê-la, alegava-se que o que houvesse por trás das diversas religiões existentes seria algo essencialmente racional." (Alister McGrath, *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*, Shedd Publicações, 2005, pp. 604-605).

³ *Introdução ao Antigo Testamento*, Editora Vida Nova, 1ª edição, 1999, p. 626.

⁴ Heródoto.

⁵ "Não peque eu, Nabonido, rei da Babilônia, contra ti. Que a reverência por ti perdure no coração de Belsazar, meu primogênito, filho favorito" (*Manual Bíblico de Halley*, 5ª edição, Edições Vida Nova, 1983).